

Estreiam

A educação sentimental de Carlos Manuel

Não é um filme sobre música. Conta a educação sentimental de Carlos Manuel Moutinho Paiva dos Santos. *Vasco Câmara*

Fado Camané

De Bruno de Almeida

Com Camané, José Mário Branco



É um documentário sobre a gravação de um disco, o álbum de 2008 *Sempre de Mim?* Sim, vê-se e ouve-se um artista a falar do seu trabalho - conteúdo que hoje os “extras” de edições especiais despacham como máquina de enchidos, sendo verdade que tudo começou como material filmado para uma edição especial do disco de Camané, como *making of*.

Mas, e para começar, a pedagogia e a sensualidade aqui vistas em trabalho não se deixam conter no estúdio. E depois, este é um subtil registo das cumplicidades entre um cantor e

os seus colaboradores: José Mário Branco, director artístico, e Manuela de Freitas, cúmplice. É uma teia de afectos e ficções, eles como figuras paternas, moldando o *performer*, tal como um cineasta dirige um actor, ajudando-o a encontrar a medida certa das emoções, para que se mantenha pudica a solidão.

Este não é um filme sobre música. É um filme que conta uma educação sentimental, a de Carlos Manuel Moutinho Paiva dos Santos. Há um efeito de *mise-en-abyme*, como se o filme reproduzisse em miniatura um retrato maior: José Mário Branco seria um duplo de Bruno de Almeida a dirigir o “seu” actor. Para isso, é necessário uma figura que exorbite fronteiras, e é isso o que faz o cantor no seu canto. Bruno olha-o (veja-se também o videoclip de *Sei de um Rio*) como um cineasta se ocupa dos valores de uma personagem. Há aquele momento, quase eufórico, quase feliz, de encontro como uma hipotética linhagem, quando Camané, citando José Mário Branco, filia a introspecção do seu canto, de um verso, no “grito abafado” de Al Pacino quando lhe mataram a filha no *Padrinho III*. Não há coincidências, estava tudo nas imagens de solidão urbana de

Sei de um Rio, aquela forma de confrontar uma certa tristeza masculina com movimentos de câmara obsessivos, obsessão essa que aqui é doce e melancólica, claro, não trepidante, porque a velha Lisboa não é a Nova Iorque dos 70s de Al e de DeNiro e desses anti-heróis que se viram aflitos para nomear que sentiam. Foi, aliás, numa sobreposição de espaços e tempos (que essa referência a Pacino aqui explicita) que se fez o “encontro” entre Camané e Bruno de Almeida, no início dos anos 2000, quando o realizador regressou de Nova Iorque, onde viveu 20 anos: o punk, a new wave e o jazz experimental da cena nova-iorquina reconciliavam-se com o fado. Foi também com essa possibilidade de imaginar outros cenários em *background* que Bruno de Almeida deixou um *boxeur* contar a sua história em *Bobby Cassidy*, de 2009 (o boxe, mundo codificado como o do fado; uma história sobre pais e filhos; Bobby tão parecido com Gene Hackman...). É talvez o seu mais belo filme e é, essencialmente, na aparência de uma entrevista um documentário sobre o cinema americano dos 70s que se passa na memória do realizador e no imaginário do espectador. Bruno tem a capacidade de, num formato já ocupado, “projectar” nele “outro” filme. Como fantasmas do imaginário pelos quais as imagens se deixam possuir.



Uma teia de afectos e ficções para ajudar um cantor a encontrar a medida certa das emoções, para que se mantenha pudica a solidão